

CONVITE

26 de JANEIRO de 1987

Segunda - Feira
18 horas

CONCERTO DE HOMENAGEM

A

FERNANDO LOPES-GRAÇA

no seu 80º aniversário

COLABORAÇÃO

da

OFICINA MUSICAL

PARTICIPAÇÃO

de

Alexandre Branco Weffort - Carlos Fontes

Eli Camargo - Fausto Neves - Gisela Neves

José Luis Duarte - José Manuel da Costa Santos

Olga Pratts

SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Avenida Duque de Loulé, 31

DE
UMA ENTREVISTA
COM
FERNANDO LOPES-GRAÇA

Quais são as minhas filiações? Julgo que me será mais fácil apontar as minhas afeições, os meus pólos de atracção. De respeito, e com sua licença deles: Bach, Beethoven, Schubert, Debussy, Ravel, Stravinsky, Bartók. Afigura-se-me que, em maior ou menor medida, são estes os meus "pais" e que a minha música, com maior ou menor consequência, com carácter mais constante ou mais episódico, reflecte (debilmente, ai de mim!) a sua tutelar luz. Sem esquecer o que ela deve às músicas populares ou tradicionais ibéricas (Falla também entra no meu plasma) e, num determinado aspecto, aos antigos polifonistas vocais.

.....

Aquilo em que aposto é na liberdade (liberdade na responsabilidade) da criação, na possibilidade infinita de renovação da música, sim, mas à margem de dogmas e de falazes "imperativos históricos", que não podem deixar de desembocar no absurdo determinismo mecanicista, contrário à verdadeira lei do devir da arte (e da mesma história), que é a da contingência. E ainda arredando o pernicioso mito do "progresso" artístico, que nos nossos dias se travestiu no irritante slogan de "ultrapassagem", essa espécie de corrida à novidade - seja ela qual for e de que preço for -, que leva os "avanzados", os que triunfalmente marcham na vanguarda do progresso, a queimarem hoje o que glorificavam ontem, para que não restem dúvidas de que não são eles fósseis, de que são mesmo pessoas bem do seu tempo...

.....

O conceito de "fases" na obra de um artista tornou-se um bocado suspeito, e eu, por mim, pendo a crer que ele não dá inteira conta da compleição da obra e da sua mesma vida

PROGRAMA

I

1. SONATA Nº 1 PARA PIANO (1934)

allegro
andantino con moto
presto

2. CATORZE ANOTAÇÕES (1966)

3. CANTO DE AMOR E DE MORTE (1961)

Quarteto de cordas
da OFICINA MUSICAL

Violino I - Carlos Fontes

Violino II - José Manuel da Costa Santos

Viola - José Luis Duarte

Violoncelo - Gisela Neves

Pianistas - Olga Pratts

- Fausto Neves
(artista convidado)

PROGRAMA

II

1. DOIS MOVIMENTOS C/ FLAUTA SOLO (1977)

livre
rigoroso

2. TRES PEQUENOS DUOS (1980)

gracioso
calmo
folião

3. TRE CAPRICCETTI (1975)

nervoso
melancólico
giocoso-lirico

4. MELODIAS RÚSTICAS PORTUGUESAS (1979)

oração do menino
romance de D. Fernando
dorme, dorme, meu menino
canta a cuca
onde vais ó Luisinha
alvorada
canto de S. João
corridinho

Guitarra: Eli Camargo

Flauta: Alexandre Branco Weffort

Íntima, tendendo a seccioná-la, a compartimentá-la, sem atender ao que nela em regra releva de um processo contínuo. [...] Quanto ao que me concerne, seja-me permitido adiantar a hipótese de que na minha obra se vislumbrará, acaso, não um suceder-se de fases, mas um processo de amadurecimento progressivo (que é também uma diligência de corrigir-me das minhas fraquezas e dos meus erros) de constantes que nela sempre se têm de certo modo alternado ou combinado entre si. Assim, e por exemplo, as obras da década de 60 a que se referiu como parecendo reflectir a influência da Escola de Viena (acaso se trata do Canto de Amor e de Morte, do Quarteto de arcos, do Concerto da Camera ou das Catorze Anotações) afigura-se-me serem elas uma consequência evolutiva de premissas técnicas e estéticas de certas obras de fim da década de 20, princípios da de 30 (o Poemeto para orquestra de arcos, a Segunda Sonatina para violino e piano) e assinaláveis ainda noutras obras posteriores. É a constante que, grosso modo, poderá ser designada de expressionismo dramático de linguagem mais ou menos atonal. Por outro lado, a constante folclorizante, ou "nacionalista", arranca de algumas composições daquele mesmo período (Variações sobre um tema popular português, para piano, Três canções ao gosto popular sobre poesias de António Botto, Seis canções sobre quadras populares portuguesas) e tem prosseguido até à actualidade, acaso mais depurada e mais essencial (1º Concerto de piano, Onze Glosas, para piano, Suite Rústica nº 2, para quarteto de arcos, Três inflorescências, para violoncelo solo). A constante daquilo que tem sido qualificado (não sei se com justa propriedade) de lirismo ibérico assinala-se nos princípios da década de 40 (2º andamento da Sinfonia per orchestra), manifesta-se inequivocamente nas Cuatro canciones de Federico Garcia Lorca, repassa muitas páginas vocais e pianísticas, e permeia mesmo uma obra dramática um tanto compósita dos fins da década de 60, qual é a cantata-melodrama D. Duardos e Flérida. Podia ainda falar-se das constantes ou, pelo menos, de certos aspectos impressionistas, populistas e seus avatares ao longo do tempo e das obras; mas eu receio bem não venham todas estas constantes a disparar, ao fime acabou, numa grandíssima inconstância (inconstância de estilo, inconstância de pensamento, inconstância de objectivos), que — ai de mim! — é o triste lote daqueles artistas condenados a eternamente se

procurarem e jamais se encontrarem...

.....

Eu nunca pesquisei propriamente nada. Creio que me realizei sempre musicalmente (bem ou mal, não importa para o caso) em obediência tão-só a movimentos "espontâneos" da minha sensibilidade ou da minha óptica artística, e de acordo com as possibilidades ou recursos de que podia dispor, sem pressupor um programa prévio de indagações ou a experimentação de quaisquer direcções aprioristicamente concebidas. O que não significa, naturalmente, o abandonar-me gratuitamente à "inspiração", o não "pensar" os meios mais adequados à melhor formulação das minhas imaginações musicais — um trabalho de "busca", sim, como compete a todo o artista consciente, mas inscrito no próprio cerne da obra, que não exterior a ela.

.....

As grandes obras de arte são, não apenas virtualmente, mas efectivamente, populares e, por conseguinte, de alcance democrático, se não dermos aos conceitos "popular" e "democrático" um conteúdo por demais restritivo e, para assim dizermos, meramente político. Elas são-no por virtude do seu próprio apelo humano, da sua própria força irradiante. E conseguem-no despreconcebidamente, sem obediência imediata a qualquer credo ou ditame de ordem ideológica (embora na grande obra de arte possa existir, subjacente, um determinado credo, uma determinada ideologia).

.....

Confesso-lhe com inteira sinceridade que prefiro, do ponto de vista da comunicação artística, deslocar-me com o Coro da Academia de Amadores de Música à mais esquecida vila alentejana ou beirã, ou à mais popular (e não alienada) colectividade filarmónica-recreativa da Outra Banda, a receber os aplausos medidos e convencionais que na generalidade se dignam dispensar à minha música os frequentadores habituais das salas de concerto da capital.

(Entrevista concedida a Mário Vieira de Carvalho e publicada, em Setembro de 1974, na "Seara Nova")